

# O Prêmio Nobel da Paz e a Conjuntura Internacional

## *Nobel Peace Prize and the International Conjuncture*

ROBERTA CRISTINA IZZO\*

Meridiano 47 n. 99, out. 2008 [p. 39 a 40]

A premiação anual do Nobel da Paz é um interessante índice do cenário internacional do ano transcorrido, das expectativas à fase subsequente e das possíveis interpretações ao termo “paz”. A recente premiação do ex-presidente finlandês, Martti Ahtisaari, corrobora essa constatação, conceitual e empiricamente, evidenciando uma tendência que se vem notando nas relações internacionais: um tênue arrefecimento das chamadas “novas ameaças”, concomitante à crescente efervescência referente ao “retorno” das “velhas ameaças” à paz e à segurança mundial na agenda global.

A história do Prêmio Nobel da Paz remonta ao testamento, escrito em 1895, do químico sueco Alfred Nobel. Inventor da dinamite e da borracha sintética, Alfred Nobel dedicou sua vida às pesquisas e juntou fortuna com o registro de patentes e com a exploração de poços de petróleo na Rússia. Seu comprometimento com as descobertas nas áreas da química e da engenharia, seu interesse pela literatura e sua amizade com a escritora e ativista pela paz, a austríaca Bertha Von Suttner, além do fato de não ter tido filhos, e de ter se frustrado com a utilização de suas invenções para fins bélicos, o inspiraram a legar grande parte de sua fortuna para premiar indivíduos e organizações que se destacassem na contribuição para o bem da humanidade, em cinco principais áreas, incluindo a promoção da paz. Em 1900, quatro anos após seu falecimento, foi criada a Fundação Nobel, que anualmente destaca contribuições para o desenvolvimento da Química, da Medicina, da Física, da Literatura e da Paz. Além disso, em sua homenagem, em 1969, criou-se o prêmio de Ciências Econômicas, financiado pelo Banco da Suécia.

O primeiro Nobel da Paz foi entregue, em 1901, a Henry Dunant, fundador do Comitê Internacional da Cruz Vermelha, e a Frédéric Passy, fundador da primeira sociedade francesa pela paz, chamada, desde 1889, de “Sociedade Francesa para a Arbitragem Entre as Nações”. De 1901 ao corrente ano, o Nobel da Paz foi entregue a indivíduos e organizações que “fizeram o maior ou o melhor trabalho pela fraternidade entre as nações, pela abolição ou redução de exércitos permanentes e pelo apoio a congressos de paz”, conforme indicado no referido testamento. Desse modo, personalidades como Madre Teresa de Calcutá, Martin Luther King, Nelson Mandela e Kofi Annan e organizações como o Comitê Internacional da Cruz Vermelha, Médicos Sem Fronteiras e a Organização das Nações Unidas foram contemplados com o prêmio. Há lacunas, entretanto, no que concerne aos critérios de escolha do prêmio e, de maneira específica, nas concepções de “paz” que fundamentam a escolha da premiação. Embora os termos acima transcritos do testamento de Nobel indiquem as causas pela paz às quais o prêmio deveria ser destinado, que critérios, por exemplo, legitimaram a entrega do prêmio de 2007 à causa ambiental?

Apesar de a paz ser tradicional e genericamente concebida como o estado que determina a ausência da guerra, seu escopo conceitual, ao longo da segunda metade do século XX, tem extrapolado essa valoração “tradicional”, negativa, não em significado, mas na definição semântica que a determina. Desde inícios da década de 1960, a paz vem sendo estudada não somente como antônimo, ou ausência de guerra, mas como uma ciência multidisciplinar, que abarca a psicologia, a filosofia, as religiões, e até mesmo

\* Mestre em História, bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Estadual Paulista – UNESP, e membro associado do GEDES-Franca, Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Internacional (robertaizzo@yahoo.com.br)

a biologia, com a finalidade de se estabelecer um conceito que indique o que a paz, de fato, representa, além do estado de ausência de guerra – que ela instaura e confere a ela um período momentâneo entre dois conflitos, mais propriamente, um armistício.

Um dos significados que foram atribuídos à paz a partir dos anos 1960 foi o de ausência da chamada violência estrutural. Embora ainda “negativo”, em sua essência, trata-se das primeiras iniciativas para a extrapolação da tradicional “ausência da guerra”. Entende-se, por violência estrutural, a inexistência da violência “corporal”, física, e de fatores capazes de impedir o pleno desenvolvimento do ser humano, o que faz a violência estrutural se materializar no subdesenvolvimento, na pobreza, no desrespeito aos direitos humanos, na corrupção, na intolerância, no déficit educacional e na degradação do meio-ambiente. O desenvolvimento dessas perspectivas teve um ápice durante a década de 1990, quando o risco iminente de uma guerra nuclear deixou de ser o fator primordial que impediria a paz e a segurança do planeta, tornando esses fatores acima mencionados, que podem ser considerados facetas do subdesenvolvimento, itens prioritários na Agenda global relativa à segurança e à paz. Por isso, esses temas passaram a ser chamados de “novas ameaças” à paz e à segurança internacional, não por terem surgido na década de 1990, mas por passarem a predominar entre causas de conflitos civis e internacionais, em detrimento das “velhas ameaças”, de cunho estratégico, geopolítico e militar.

Ao se analisar o histórico do Prêmio Nobel da Paz, pode-se vislumbrar essa modificação no conceito de paz, assim como é nítida a influência do contexto histórico e internacional na atuação e respectiva nomeação dos premiados. Durante os anos 1914 a 1918, 1939 a 1945, correspondentes às duas Guerras Mundiais, os nobéis da Paz foram entregues, em 1917 e em 1944, ao Comitê Internacional da Cruz Vermelha, e em 1945, a Cordell Hull, ex-Secretário de Estado dos Estados Unidos que se destacou na criação da Organização das Nações Unidas. Durante os demais anos mencionados, as verbas referentes aos prêmios foram alocadas às reservas da própria Fundação Nobel. Já em 1994, por exemplo, Yasser

Arafat, Shimon Peres e Yitzhac Rabin dividiram o Prêmio, devido à assinatura dos Acordos de Oslo, em 1993, que simbolizou seus esforços para o entendimento no Oriente Médio.

O que se pode analisar com a premiação de 2008, auferida ao ex-presidente da Finlândia, Martti Ahtisaari, após à premiação, em 2007, do ex-vice presidente dos Estados Unidos, Al Gore, e do presidente do Painel Intergovernamental Sobre Mudanças Climáticas das Nações Unidas, o indiano Rajendra Pachauri, é a ênfase nas ações referentes a mediações de conflitos e, num espectro ampliado, uma incipiente obsolescência das “novas ameaças” à paz e à segurança internacional, concomitantemente ao retorno das “ameaças tradicionais”, cujos indícios fizeram-se patentes durante o ano de 2008, dentre os quais se destacaram: os conflitos entre a Rússia e a Geórgia, a reativação da IV Frota da Marinha dos Estados Unidos e a execução de exercícios militares conjuntos, como o anunciado pela Venezuela, em parceria com a Rússia.

Avaliar os esforços pela paz mediante a conjuntura internacional, nesse sentido, torna-se um exercício histórico-analítico que nos faz refletir sobre a força do ativismo pacifista ao longo do tempo, sobre o percurso da concepção de paz e, acima de tudo, sobre os rumos da política internacional em curto prazo. Cabe, desse modo, interpretar os indícios correntes de “não-paz”, antes que os próximos nobéis acabem sendo revertidos à própria Fundação.

Recebido em 08/10/2008

Aprovado em 13/10/2008

**Palavras chaves:** Prêmio Nobel, guerra e paz,

**Key words:** Nobel Prize, war and peace,

**Resumo:** o artigo trata do Prêmio Nobel da Paz. Nesse sentido, aborda a transformação do conceito de paz, superior à ausência de guerra.

**Abstract:** the article deals with the Nobel Peace Prize. It discusses the changes to the concept of peace, superior to the absence of war.